Projeto presente para um futuro bem próximo

POR BAIXO RIBEIRO

“A cidade é o lugar onde pessoas de todos os tipos e classes se misturam, ainda que relutante e conflituosamente, para produzir uma vida em comum, embora perpetuamente mutável e transitória.” DAVID HARVEY[1]

¶ QUANDO PENSAMOS NO FUTURO DO PLANETA, das cidades ou da humanidade, temos a tendência de nos reservar uma certa distância da realidade. Afinal, estamos pensando sobre um outro tempo, um outro lugar. Como nos lembra Braudel[2]: “O tempo de hoje data de ontem, de anteontem e de outrora”. É difícil incorporar o presente como parte desse futuro, mas se o futuro não está fora de nós, ele poderia estar dentro? Penso que sim: nós somos o nosso próprio projeto de futuro - se refazendo a cada instante - para perceber, na velhice, que esse processo nos seguirá até o fim. Então, se desejamos um futuro diferente, precisamos transformar a nós mesmos. Precisamos injetar um desejo de transformação no projeto “nosso” de cada dia.

Intervenção urbana "CAU/SP ABERTO" no calcadão da rua XV de Novembro no Centro Histórico da capital.

© IGNACIO ARONOVICH

E as cidades... elas estão fora ou dentro de nós? Cada um tem uma noção particular de cidade, ou seja, ninguém tem a mesma cidade dentro de si. Há os que viajam muito e têm uma noção ampla de cidade; há os que nunca saíram da sua vila e têm uma visão restrita de cidade. Há aqueles que, mesmo viajando muito, nunca saíram de suas bolhas e têm uma vivência restrita de cidade; assim como há aqueles que, mesmo se movendo pouco, vivem num ambiente de densa diversidade humana e, por conseguinte, possuem um aprofundado conhecimento sobre o que é viver junto.

É certo que cada um de nós tem uma percepção diferente de cidade, e podemos deduzir que a somatória dessas percepções cria uma cidade comum. Acredito que a cidade futura, a cidade do futuro, será a somatória das transformações urbanas que acontecerem a partir de cada cidadão. Mas, para transformar efetivamente, é preciso pensar e praticar a transformação no cotidiano, individual e coletivamente. Pensar e praticar diariamente o futuro transformado. Se, como diz Lefebvre[3], "a cidade é uma obra de arte", como reativar a apropriação e a participação de todos nesse processo de criação? Vale lembrar que a crise climática acelerou bruscamente as demandas por transformações - situação que provavelmente arrancará a humanidade do torpor paralisante que, ainda hoje, nos faz continuar extraindo petróleo e queimando florestas.

Levando em conta essa reflexão, há vinte anos fundei, em parceria com Mariana Martins, a galeria, editora e instituto educativo Choque Cultural. Venho desenvolvendo propostas artísticas que procuram mobilizar os mais diferentes públicos no exercício da apropriação e transformação da cidade a partir de discussões sobre os limites dos espaços públicos e privados, assim como os limites da arte.

Como método, tenho formado grupos multidisciplinares e programas de ação participativa, envolvendo os campos da arte, educação e urbanismo. As iniciativas da Choque Cultural acontecem em parcerias com diversas instituições: SESC, como no caso de "Xilograffiti" (2022 a 2023); SESI, em "Conexões Urbanas" (2018 a 2020); Reitoria da Universidade de São Paulo, em "USP_URBANA" (2018 a 2020); Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo, em "Manifesto da Noite" (2024); Centro Cultural Banco do Nordeste (CCBNB Cariri) em "Ponte São Paulo - Juazeiro do Norte" (2013); Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (MASP), em "De Dentro e De Fora" (2009 a 2012); para citar algumas.

Foi dentro desse contexto que apresentei ao Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo – CAU/SP um projeto que objetiva estimular as pessoas que usam o edifício sede da instituição a interagirem com seus espaços internos e externos. A obra "CAU/SP ABERTO" é uma intervenção artística baseada na instalação de um "jogo mobiliário" – conjunto de peças móveis e multifuncionais – no grande salão de entrada do prédio, que se abre para o calçadão da Rua XV de Novembro, no Centro Histórico de São Paulo. A obra se consubstancia na movimentação das peças do jogo - objetos híbridos que funcionam como mesas, bancadas, arquibancadas e diversos equipamentos acessórios –, possibilitando a criação coletiva de espaços de convivência e múltiplos usos: trabalho, leitura, reuniões, exposições, sessões de vídeos, palestras e intervenções artísticas urbanas; seja do lado de dentro do edifício ou do lado de fora, no calçadão.

A instalação do "jogo mobiliário" tem o propósito de dinamizar o uso do espaço pelos organizadores e público visitante, através das transformações possíveis de serem realizadas nos ambientes. Com a simples movimentação do mobiliário e as múltiplas composições estéticas e funcionais permitidas por ele, esse "jogo" visa incentivar o uso do calçadão (da rua!) em atividades institucionais. E pretende, com esse processo lúdico e participativo, trazer ao cotidiano dos usuários o gosto pelo exercício coletivo da transformação dos espaços de convívio. ⨯

BAIXO RIBEIRO (1963) É CURADOR, ARTISTA E FUNDADOR DA GALERIA CHOQUE CULTURAL (2003), GRADUANDO EM ARQUITETURA E URBANISMO NA FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (FAU/USP). NOS ANOS DE 2010 E 2020, FOI INDICADO AO PRÊMIO GOVERNADOR DO ESTADO DE SÃO PAULO. TAMBÉM FOI INDICADO AO PRÊMIO FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL DE TECNOLOGIA SOCIAL 2015 NA CATEGORIA MEIO URBANO, COM O PROGRAMA "A ESCOLA É CIDADE & A CIDADE É ESCOLA" (2015)."

REFERÊNCIAS

HARVEY, David. *Cidades Rebeldes*. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

BRAUDEL, Fernand. *História e ciências sociais: a longa duração*. In: _____. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

LEFEBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

NOTAS

1. HARVEY, 2014, p. 134.
2. BRAUDEL, 1992, p. 18.
3. LEFEBVRE, 2001, p. 12.